ANO 3º. LISBOA--QUINTA-FEIRA, 13 DE SETEMBRO DE 1923 N.º 748

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Seculo, 43

DISSE-NOS hoje alguem que não costuma proferir palavras vans:

— Emquanto não houver um governo com a coragem e a força moral necessaria para firmar de vez a ordem publica, libertando o tesouro dos pesadissimos encargos que a sua manutenção lhe acarreta, ninguem pense em resolver a crise actual.

Entre o poder e a rua, entre a acção governativa e a revolta da turba, não ha conciliação possivel.

Desiludam-se os que sonham revoluções para salvar o país, pois deixam sempre atraz de si o rastilho de novos disturbios.

Os grandes actos de força só se admitem, quando a salvação nacional os impõe. Fora desta hipotese, não passam de vulgares cometimentos de ambições insofridas. De que necessita o país?

De paz e socego, para se reconstruir pelo trabalho.

A desordem, na situação em que estamos, significa ruina.

Querer dar a uma classe ou a um partido um predominio politico e social que só pertence á nação o mesmo é que criar um estado de irritação que só terminará, no dia em que se restabeleça o equilibrio.

Este tem sido o grande mal da Republica—fazer do governo o feudo dos irrequietos e dos aventureiros.

A politica deixou de ter principios, mas adquiriu muitas manhas e habilidades.

Os republicanos que não transigiram com o mercantilismo da epoca devem concertar-se, para correr com os vendedores de elixires e os intrujões.

Para isso, basta-lhes falar ao povo a linguagem da verdade. A democracia requer a discussão franca de todos os problemas.

Quando estes forem bem conhecidos, de maneira que a opinião não possa ser vitima de explorações, os governos acharão o apoio que hoje lhes falta.

Mau sistema tem sido o de reduzir a participação do país no governo á comedia caciqueira das eleições...

* * *

HENRY Bernstein enviou de Veneza, onde se encontra veraneando, o seguinte telegrama ao sr. Mussolini, presidente do ministerio italiano:

—«O meu primeiro cuidado, ao chegar á Italia, é saudar esta nobre nação e o seu grande chefe vigilante.

Permita-me V. Ex.ª que lhe signifique tambem a profunda admiração que me inspira, partilhada de hoje em diante, salvo raras excepções, por todos os meus compatriotas que possuem o sentimento da honra nacional, apreciando ao mesmo tempo a penetração, o espirito subtil e a firmeza de alma de V. Ex.ª, porque não esquecem o Zappeïon.

Fui dos que não esperaram o discurso que V. Ex.ª proferiu em Julho para o considerar o grande pensador politico da sua epoca.

Antes do desembarque em Corfú, já reconhecia em V. Ex.ª o homem de acção do mundo actual.»

* * *

COM parecer favoravel das Faculdades de Medicina das Universidades de Lisboa e Porto, foi autorizado o professor dr. João Emilio Raposo de Magalhães, da Faculdade de Coimbra e na situação de licença ilimitada, a passar á categoria de professor livre de cirurgia e a exercer esta função, na Faculdade de Lisboa.

GOVERNAR

Nos paises indisciplinados, com classes conservadoras inertes e proletarios em ebulição, a acção dos governos luta com embaraços temiveis, porque não encontra elementos em que apoiar-se.

E' o que se dá, entre nós.

Todos os actos governativos são alvo duma critica de bota-abaixo que não respeita intenções nem deseja encontrar razões para contentar-se.

O mal redobra de violencia, se porventura os governos, em vez de zelarem pelo rigoroso cumprimento da lei, prestigiando o poder e o principio da autoridade, adoptam uma atitude oportunista, ora boiando ao sabor dos acontecimentos, ora servindo-se de paliativos e expedientes para lhe amortecerem as violencias do choque.

Tambem isto se observa em Portugal.

Ha muitos anos, se exceptuarmos um ou outro caso facil de apontar, nós vimos consentindo, covardemente, que o Estado abdique da sua função e da sua soberania, deixando-se invadir e assaltar por forças anarquicas que não têm outro empenho senão provocar a sua total desorganização.

O chamado problema da ordem publica tem duas origens—a revolta da rua que aspira á ditadura e a transigencia carinhosa, complacente, do poder que não faz cumprir a lei ou a transforma em instrumento de injustiça para os pequenos e de proteção descarada para os poderosos.

A fraquesa deste alimenta as furias da plebe desordenada, iracunda, ameaçadora.

Quando estalam bombas ou se produzem atentados, o panico percorre aquelas camadas sociais que julgam poder viver em paz digerindo lautamente uma parcela dos seus haveres e recitando algumas velhas maximas sobre a arrogancia dos lobos e a timidez dos cordeiros.

O governo promete logo punições e degredos, mas como a prudencia é uma virtude do travesseiro aconselha-se com ela e como ela põe um barretinho de dormir, deixando que novas tempestades se acastelem sobre o seu somno tranquilo e profundo.

Visto que as dificuldades se engrandecem, ninguem cuidando de as resolver—o mal estar agrava-se, os animos irritam-se, os clamores e protestos aumentam, o comercio pede escudos e o povo pede pão—logo os ministros pressurosos baixam os olhos inquietos sobre uma situação que os disperta do alheamento em que sonhavam com a imortalidade.

Observação infantil

(Mim acaba de comer o dôce lambendo o prato)

A mãe: — A quem viu a menina comer dessa maneira?
Mimi: — Aos cães...

UM grupo de portuenses, antigos companheiros do sr. dr. Antonio José de Almeida no partido evolucionista, grupo em que é figura marcante pela sua actividade e pela categoria de que goza na capital do norte, o sr. Baptista Frias, tenciona, logo que termine o mandato presidencial, organisar uma excursão de republicanos, admiradores do ilustre chefe de Estado, a Lisboa. O objectivo dessa excursão será uma carinhosa manifestação de simpatia ao velho republicano, sendo intenção dos seus promotores, desde que a ideia tenha em Lisboa, entre os antigos amigos politicos do presidente, quem lhe dê realisação, promover um solene banquete em que, reunidos representantes de todos os partidos e todas as camadas sociais, em que o chefe de Estado é olhado com o maior carinho, se lhe manifeste a saudade com que a opinião nacional o vê abandonar o alto posto em que tão nobremente zelou os interesses da Patria e da Republica.

* * *

AS juntas de freguesias de Lisboa vão intensificar a sua acção tornando-a o mais possivel proveitosa e inteligente.

Na reunião plenaria ha dias realizada resolveram dedicar a maxima atenção ao problema de assistencia aos indigentes, para o que contam já com importantes auxilios particulares e com o auxilio do chefe do distrito.

O *Diario de Lisboa*, louva as boas intenções das juntas e deseja que o seu programa de benemerencia seja efectivado com toda a amplitude.

* * *

EMBORA a crise financeira não se tenha modificado sensivelmente, notava-se hoje um decrescimento no pessimismo dos ultimos dias. Não é, por emquanto, a melhoria, mas tão sómente uma esperança de melhoria. Esperamos que o governo, trabalhando de acordo com os elementos importantes da nossa praça, consiga afastar os negrumes e a tormenta que traziam no bojo.

* * *

APARECERAM ontem, nas ruas da cidade, os grandes carros amarelos que a nova fabrica de cerveja *Estrela* mandou construir para os seus serviços de distribuição. Produziram belo efeito. A marca *Estrela* agradou tanto que não houve meio de satisfazer todos os consumidores, ansiosos de saborea-la.

* * *

SABEMOS que o governo inglês oferecerá no dia 28 do corrente um banquete de despedida em honra do sr. Teixeira Gomes, presidente eleito da Republica Portuguesa. A esse banquete presidirá lord Curzon e assistirão quasi todos os ministros e membros do corpo diplomatico.

* * *

O SR. D. Luiz de Lencastre cumprimentou hoje o sr. ministro das Finanças, em nome do conselho de administração da Companhia dos Fosforos.

* * *

SEGUIU esta manhã para o Porto, o contra-torpedeiro *Tejo* da nossa marinha de guerra.

Um protesto

Uma carta

Escreve-nos o sr. José J. Rodrigues, a seguinte carta e pede a sua publicação o que fazemos de bom grado e como manda a lealdade jornalistica:

Sr. director.—Não é para destramente me defender que escrevo este artigo a v. o qual embora seja desairoso nos seus aleijões liricos, é feito com boa vontade em frente da qual sucumbo quando me surpreende na mentira.

Não sou nenhum proprietario de café para enganar parvamente o publico na destreza de uma linguagem romantica como se faz ás namoradas apaixonadas das frases meigas que são sempre as mais banais e falsas: Não é nada disso.

Quero referir-me apenas ao seu terceiro artigo sobre o aumento do café dizendo que se bebia antes a quarenta réis e que custa hoje 500 cada chavena. São dez vezes mais, se fosse 50 vezes mais como os artigos de calçado e roupas, custaria 2$000 réis cada chavena!

O café é o artigo de luxo que se adquire mais barato porque só atinge 10 vezes mais ao passo que os outros de primeira necessidade atingem 20, 30, 40, 50, 60 e 80 vezes mais, e acho razão visto que não podem vender mais barato...

Não concordo porêm que o café custando apenas 10 vezes, desenvolva uma crise de contas tamanhas.

Um café nunca pode deixar de lucro 30 centavos e eu digo a razão.

1 quilo de café puro do Brasil custa 11$500 fóra a torrefação e sua quebra, o assucar já sabem o preço. Cada chavena e pires da faiança da Vista Alegre custa 4$600. Acrescentemos-lhes agora ás casas grandes 2 contos de luz por mês, 4 contos de ordenados, uns poucos de contos de imposto de transação, assistencia, taxas, licenças, cargas e mais cargas e vejam depois onde é que estes homens vão buscar o lucro para pagar 800 escudos diarios que um estabelecimento absorve nas suas despesas diarias.

Eu, dou a todos os apreciadores de café 500 réis para que me apresentem um café igual aos que se tomam nos grandes cafés da baixa. Vamos a vêr aquele que se afoita a vir buscar os 500 réis para fazer em sua casa um café igual ao que se toma nos cafés!

Ninguem se avilta, estou certo disso.

Paguemos, pois, os 500 réis e não diga mos nada porque o café sendo explendido desenvolve as acanhadas imaginações, dá vida ao cerebro enchendo-o de luz momentanea, povôa a mente de fantasticas ilusões, dá vitalidade aos pensamentos envelhecidos e desalentados, transforma o espasmo numa alegria rapida e uma chavena de bom café, é uma amiga que temos em nossa frente distraindo-nos com o seu aroma fascinante que nos embala na mudez nostalgica dum sonho. De v. etc., *José J. Rodrigues.*—(Largo de Santa Catarina, 14—Lisboa).

MAQUINAS DE ESCREVER
IDEAL
A mais completa, accessorios e reparações garantidas. Quintino Ltd.ª. Tel. N. 4225. ESCADINHAS DO DUQUE, N.º 2, 1.º (Proximo á estação).

Fatos e vestidos
Limpa, lava, tinge, concerta, volta, engoma e entrega nos domicilios prontos a vestir
A DIANA
Rua da Palma 219, 1.º

RUA DO AMPARO
SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA
TELEF. C. 2543

TAUROMAQUIA

"Saleri,,

o amigo intimo de Romanones

foi carregador em Lisboa

e é hoje proprietario em Guadalajara

Julian Saiz, «Saléri», é o toureiro mais seguro neste periodo de decadencia e a ele recorrem as empresas quando têm para matar uma corrida dura, Palha ou Miura.

Sem «filigranas», mas sabedor e eficaz, toureia de capote e dirige com inteligencia o primeiro tercio, anima o segundo com a sua larga e emocionante forma de bandarilhar e completa-se no ultimo «muleteando» em atando todos os touros que lhe soltem, por maiores e dificeis que sejam.

Assim se manteve com honra alternando com Belmonte e Joséli-to, admirado amigo que correu a vêr, antes que ninguem, na tarde tragica da sua morte e a quem guarda um saudoso respeito que o enobrece.

O nosso critico tauromaquico «El Terrible Perez» entrevistando, ha anos, o espada «Saléri» num dos jardins publicos de Madrid

Numa entrevista que publiquei no «Sombra-Sol», a mais luxnosa tentativa da especialidade em Portugal, dizia-me Saléri:

—Nasci em Ramanones, provincia de Guadalajara, onde tambem nasceu o conde que do «pueblo» trás o titulo e por quem tenho uma amisade e um respeito filiais. Creio que com os primeiros passos nasceu em mim o desejo ainda mal esboçado de colaborar com o meu esforço para o engrandecimento da nossa «festa». Fui crescendo e os meus, atemorizados com a minha tambem crescente «aficion», resolveram montar-me uma carniceria com o luxo de marmores e metais de uso em Espanha.

Aceitei, contrariado. Cortar carne era pouco para mim — que anciava touros vivos para matar.

E assim, um dia, em segredo, liquidei por qualquer preço todo o estabelecimento e, com um companheiro de «capeas», abalei para Salamanca.

«Emquanto durou o verão, fomos vivendo de corridas sem picadores, que nos davam á força de as pedirmos; mas, chegado o inverno e quasi esgotado o produto da carniceria, resolvemos marchar para Lisboa, iludidos por alguem que nos afirmou darem-se ali corridas todo o ano. Moidos da viagem em terceira, chegámos ao Rocio uma manhã com os capotes de tourear ao embro e, á primeira informação, ficámos desiludidos de todo! Que fazer?! Um compatriota nosso, que pela indumentaria e pelos capotes adivinhou a situação, ofereceu nos, condoido, o logar de carregadores n'uma fabrica de adubos na margem do Tejo. Aceitámos, mas o trabalho era duro e mal compensado, e, passados três dias, com o que restava da carniceria, regressámos a Hespanha, tristes e desiludidos. Depois, nova epoca de lutas e sacrificios, até que um dia D. Enriquê Boscô, então emprezario da praça de Tetuan e apoderado de «Saleri I», me ofereceu para sair de novilheiro na sua praça. Usava eu o apôdo de «Pósadero», com que hoje toureia um querido companheiro; mas D. Enrique, para engrandecer «Saleri I», impoz-me a condição de me chamar no cartaz «Saleri II». Aceitei. O importante para mim era sair de matador na praça onde então figurava como bandarilheiro na quadrilha de Salvador Balfagon «Alfarero» (valente matador de novilhos que teve a sua epoca em Hespanha e hoje toureia em Portugal). Em Tetuan, nessa tarde de 13 de abril de 1913, parece-me que fiz barbaridades de mau novilheiro, mas, a par disso, não sei que me encontraram, que começaram a aparecer-me corridas de novilhos por essas terras de Hespanha e, a 13 de setembro de 1914, — sempre a 13—Vicente Pastor concedia-me a alternativa na praça de Madrid.

Daí para cá tenho empregado toda a minha boa vontade e inteligencia para ficar bem. Do resultado do meu esforço não me compete dar conta. De tantos trabalhos sinto-me compensado com algumas tardes felizes e de todas guardo como a mais memoravel e que mais me impressionou uma, que em Romanones organizei, para que minha mãe, que até então só pelos jornais conhecia os meus triunfos, me visse matar. Quando, emocionado, lhe fui brindar a morte do touro as palavras sairam-me cortadas por soluços e eu, que sempre fui sereno na luta, senti-me «chiquillo» no momento em que ia mostrar-lhe que valia e pedir perdão aos desgostos porque a fiz passar para chegar ao que sou hoje —a uma situação que me permite rodeá-la de carinho e conforto. O touro rodou duma estocada sem «puntilla», do camarote, minhas irmãs atiravam-me flores orvalhadas de lagrimas e minha mãe, com os olhos enevoados, recordava, tremula, os anos da minha juventude. Fui descançar ao estribo e os da «quadrilla», esses valentes que expõem a vida por mim, choravam como mulheres, e Vicente Pastor, o serio, o soldado romano como lhe chamaram em Sevilha, numa careta de protesto para a sua sensibilidade, escondia uma lagrima denunciadora do grande coração do toureiro madrileno. Foi a tarde em que mais recordei o passado e avaliei o triunfo presente...

Assim terminou as suas confidencias em 1916 o toureiro que hoje, casado com uma formosa e abastada proprietaria da sua aldeia, e aumentada a sua fortuna com lucrativas temporadas de toureio em Espanha e Americas, mantem o seu lugar nos «ruédos», talvez prestes a abandonar pela tranquilidade da sua opulenta casa de campo onde o chama um filho estremecido que tem no berço, em filigrama, um «Deus te guarde» que lhe levei de Portugal.

Pela nossa terra, onde já toureou algumas vezes, tem Saléri grande carinho, provado na satisfação de interesses de «ganadéros» portugueses, que encontram na vara magica da sua influencia politica facilidades quasi impossiveis nas secretarias de Estado.

Nota final—Numa das excursões em que acompanhei Saléri e a «cuadrilla», participando das suas fadigas, de terra em terra, semanas em automoveis e «tartanas», dormindo nos comboios onde trocavam os fatos de tourear pelos de viagem, comendo nas cantinas das estações; aconteceu que, indo Saléri pagar uma merenda para a viagem, se encontrou sem carteira.

Certamente um «carterista» dos que andam pelas feiras!

Mas, não tardou que um moreno simpatico e elegante lh'a restituisse, desculpando-se: «*Usted dispense, no lo conoci. Su dinéro es sagrado. Lo gána usted jugandòse la vida con los tóros que dan más «cornás» que los guardias civiles, que tienen su parecido con los tóros. Adiós y suerte. Soy un admirador de usted.*

E afastou-se ligeiro ao ver que se aproximava uma «pareja» de «touros» de espingarda ao ombro.

El Terrible Perez

Dr. Cordeiro Ferreira
Doenças das crianças
Praça Luiz de Camões, 36, 1.—Tel. C. 1665

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

D. Luísa de Almeida e Vasconcelos Cabral, D. Maria Teresa de Mendonça Cardoso Pinto de Queiroz, D. Rita de Sá Pais do Amaral Franco de Castelo Branco, D. Isabel de Carvalho Noronha Bastos Neves, D. Virgioia Duff Burnay de Mendonça, D. Albertina Gomes de Amorim e D. Regina de Freitas Waddington.

E os senhores:

Visconde de Asseca, dr. Francisco Augusto de Alcoforado da Costa, José Batalha Reis e Alberto Duff Burnay de Mendonça.

—Faz anos a sr.ª D. Maria da Assunção de Almeida e Sousa.

Diplomatas

Regressou já a Lisboa o sr. D. José Maria Cantillo, ilustre ministro da Argentina em Portugal.

—Partiu ontem para o seu país o sr. Van-der-Gois, ilustre ministro da Holanda, em Lisboa.

Casamentos

Realizou-se ha dias, em capela armada na elegante residencia da sr.ª D. Maria José de Barros de Magalhães Mexia e do sr. Fernando Carlos Pinto Campos de Magalhães Mexia, na Lousã, o casamento de sua gentil filha D. Maria Margarida, com o sr. Fernando Vessadas Salazar, filho da sr.ª D. Carlota Adelaide de Vessadas Salazar, sendo o acto celebrado pelo prior de Miranda, amigo intimo da familia da noiva, reverendo Lopes Fernandes, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Serviram de madrinhas as mães dos noivos, tendo a do noivo feito representar-se por sua filha a sr.ª D. Maria Adelaide de Vessadas Salazar e de padrinhos o pai da noiva e o irmão do noivo sr. Baltazar da Silva Salazar.

Terminado o acto religioso foi servido na elegante sala de jantar da residencia um fino «lunch», seguindo depois os noivos para Lisboa, onde vieram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas prendas.

Uma caçada

Realizou-se ha dias na Herdade de Fontalva, propriedade dos srs. Ruy e Gil de Andrade, uma explendida caçada em que tomaram parte os srs. dr. Luiz Vaz de Carvalho Crespo, D. José Correia de Sampayo (Castelo Novo) e J. Maury.

Foram abatidas 275 peças de caça, cabendo as honras aos srs. Gil e Ruy de Andrade que abateram respectivamente 81 e 64 peças, que são incontestavelmente dois bons atiradores.

Os convivas que se retiraram gratissimos pelas amabilidades recebidas, encontram-se já em Cascaes, os srs. dr. Luiz Crespo e D. José Castelo Novo e a Lisboa o sr. J. Maury.

Pontos de reunião

Agenda

Amanhã a nossa sociedade elegante, dará «rendez-vous» de tarde nas «matinées» do Salão Foz, e Chiado Terrasse e á noite no São Luiz, receita da moda, com a magica «O Gato Preto», primeira em que se representa a engraçada peça.

Em viagem

Partiu para a praia da Rocha, com sua esposa a sr.ª D. Maria da Gloria Judice de Magalhães de Barros.

— Da sua casa de Penacova, para a de Bordeiro, em Goes, parte brevemente com sua esposa a sr.ª D. Maria Godinho de Melo Lages, sua gentil filha, D. Maria Fernanda e seu filho Fernando, o sr. dr. Antonio Soriano Mendes Lages.

— Para Lourdes partiu de sua casa de Lamego, o sr. D. Francisco de Carvalho Rebelo de Menezes Teixeira de Sousa.

— Partiu para as Caldas das Felgueiras, o sr. Antonio Martinho Vidigal Salgado.

— Parte brevemente para o Estoril, com sua filha casada a sr.ª D. Angelina Mitre Conceição e Silva e sua gentil filha solteira D. Odulia, a sr.ª D. Joaquina Mitre.

— Regressou de Entre-os-Rios o sr. engenheiro Zeferino Soares.

Doentes

Encontra-se bastante doente a sr.ª Viscondessa da Graça.

Dr. Manuel Barbosa
CLINICA GERAL
RUA DO OURO, 191

LA GOYA
As suas canções mais aplaudidas «MALDITO TANGO» e a canção argentina «AY AURORA» contendo a fotografia de La Goya com a sua assinatura. Encontram-se á venda no Armazem Sassetti, 56, rua do Carmo — Lisboa.

DR. VICTOR FONTES Retomou a clinica Consultas: ROCIO, 59-1.

A's Senhoras
Capsulinas para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro
Calçada da Estrela, 13, 1.º Esquerdo

SCALABITANOS
Deliciosissimos licores! Soberba apresentação
DEPOSITO GERAL Telef. C. 1190
RUA AUGUSTA, 70, 2.º

SAES «DERMOXA» suprimem todos os sofrimentos: *inchações, transpiração e calos.* —Vendem-se em todas as farmacias e drogarias.—Depositario: M. Brandão, R. Eugenio dos Santos, 99

AUTOMOBILISMO

O Grande Premio da Europa

foi ganho por Salamano

QUE PERCORREU OS 800 QUILOMETROS

A 146 Á HORA

A prova automobilista de Monza, para disputa do Grande Premio da Europa,—e cujos resultados demos já em telegrama—constituiu um exito sem precedentes.

A essa corrida emocionantissima, fecunda em peripecias, assistiu uma multidão—como jámais outra igual se viu, numa prova automobilista disputada na Europa.

As sete tribunas, podendo conter mais de 30.000 espectadores, estavam replectas.

Eram oito horas quando Mussolini entrou no autodromo, entre ruidosas aclamações. O presidente do governo italiano visitou os postos de reabastecimento de todas as marcas concorrentes, felicitando os seus representantes e interessando-se pelos detalhes de construção.

Alinharam-se para a partida 3 carros F. I. A. T. (Bordino, Nazzaro e Salamano), 3 «Benz» (Minoia, Horner e Walb), 3 «Voisin» (Silvani, Rougier, Lefevre), 3 «Miller» (Murphy, Zborowsky, de Alzaga) e 2 «Rolland-Pilain» (Guyot e Delalande).

Em virtude da morte de Sivocci, nos ensaios a que nos referimos ha dias, a casa «Alfa-Romeo» resolveu, por luto, retirar as suas três inscrições.

A partida foi dada por Mussolini, ás 10 em ponto, entre delirantes ovações.

O rei, retido pela cerimonia da condecoração dum regimento alpino, não poude assistir á prova, mas pediu para lhe telefonarem de 10 em 10 minutos, a marcha dos carros.

* * *

Logo á primeira volta (10 quilometros), Bordino — o rei do volante — passa á frente com 25 segundos de avanço, apesar dos ferimentos sofridos ha dias. aquando do desastre em que morreu Giaccone.

Seguem-no Salamano, Nazarro, Minoia e Murphy. Os carros franceses fecham o cortejo.

A' terceira volta o grande condutor americano Murphy, passa Minoia e começa a incomodar Nazzaro.

As cinco primeiras voltas (50 quilometros) são feitas por Bordino em 19 m. 36 s. — 153 quilometros á hora.

Os 100 quilometros — dez voltas — são feitos por ele em 39 m. 18 s. Nota-se que Bordino fez uma das voltas do circuito a mais de 155 quilometros á hora. Leva um minuto de avanço sobre o segundo.

Os corredores franceses Delalande Rougier e Silvani abandonam, bem como o alemão Walb.

As 15 voltas (150 quilometros) são cobertas por Bordino em 59 m. e 18 s., mantendo uma media 150 quilometros á hora.

Os «F. I. A. T.» continuam fazendo uma corrida soberba, com os seus três homens á cabeça. Atraz deles, o «Miller», de Murphy, e depois os «Benz», de Minoia e Horver. Guyot é o unico francês que se conserva na pista. Lefevre abandonou tambem.

Bordino é ainda o primeiro nos 250 quilometros. Salamano e Nazzaro seguem-no, respectivamente, com atrazos de 28 e 40 segundos.

Nazzaro acelera, e, á 27.ª volta, passa Salamano. Na volta seguinte está a 9 s. de Bordino, conseguindo aproximar-se até 5 segundos.

Bordino acelera tambem e reconquista terreno, fazendo os 300 quilometros em 1 h. e 59 m.; Nazzaro, em 1 h., 59 m. e 6 s.; Salamano, em 1 h., 59 m. e 12 s.; Murphy, em 2 h., 2 m. e 6 s.

Emquanto os três italianos lutam para o primeiro logar, Zborowsky abandona.

A meia corrida—400 quilometros—os três «F. I. A. T.» continuam á cabeça, a 150 quilometros hora e a alguns segundos uns dos outros. Murphy é o seu mais proximo adversario, com 4 minutos de atrazo. Depois, a 8 e a 17 minutos, vêm os «Benz». Na cauda do infernal cortejo, Guyot e De Alzaga.

Na 41.ª volta, Nazzaro, Minoia, Bordino, Salamano e Murphy param para se reabastecerem. Bordino, a quem as feridas reabriram, perde muito tempo no trabalho de reabastecimento.

Quando Bordino recomeça a correr, Nazzaro vai já á frente, seguido de Salamano. O «ex-leader» passa para terceiro.

Na 46.ª volta, Bordino passa diante das tribunas, lentamente, e acaba por parar. Um ferimento no pescoço incomoda-o atrozmente, e resolve abandonar.

Na 50.ª volta: 1, Nazzaro; 2, Salamano; 3, Murphy; 4, Minoia; 5, Horner; 6, Guyot; 7, Alzaga.

Aos 550 quilometros Guyot abandona. Tem o pé direito queimado.

A luta entre Nazzaro, Salamano e Murphy é magnifica.

Salamano acelera, recuperando o terreno perdido. No 700.os quilometros, consegue pôr-se ao lado de Nazzaro, mas não se aguenta e passa de novo para a segunda posição.

Mas nas cinco ultimas voltas, Salamano volta ao ataque, com uma velocidade impressionante, e passa Nazzaro, batendo-o á chegada por 700 metros!

O vencedor cobriu os 800 quilometros da corrida em 5 h. 27 m. 38 s., a 146 quilometros e 600 metros á hora.

Nazzaro chegou com 24 segundos de atrazo.

Murphy ficou terceiro, em 5 h. 32 m.

Minoia, Horner e De Alzaga, estavam ainda disputando as restantes classificações, mas a multidão entusiasmada com a bela corrida dos três primeiros, invadiu a pista, obrigando os três retardatarios a parar, não completando o percurso.

* * *

Nas garages que foram construidas propositadamente para os automoveis dos espectadores, entraram 11.000 carros!!!

A receita ultrapassou 3 milhões de liras.

Salamanco ganhou 180.000 liras, Nazzaro 90.000, Murphy 40.000 e B ordino 10.000.

Alem destes premios, em dinheiro, havia uma riquissima taça, do valor de 45.000 liras. que foi entregue ao vencedor.

50 kil.	m.	s.
Bordino	19	37
Salamano	20	27
Nazzaro	20	33
Murphy	20	34
Zborowski	21	12
Minoïa	21	31
Alzaga	22	16
Horner	23	10
Delalande	24	9
Silvani	24	10
Wabb	24	47
Rougier	25	12
Lefèbre	25	32
Guyot	29	50

100 kil.	h.	m.	s.
Bordino		39	18
Salamano		40	21
Nazzaro		40	30
Murphy		41	6
Minoïa		42	48
Zborowski		44	
Horner		45	41
Silvani		48	21
Rougier		49	30
Lefèbre		49	33
Guyot		58	14
Alzaga	1	04	23
Delalande (abandonou)			
Wabb (abandonou)			

150 kil.	h.	m.	s.
Bordino		59	18
Salamano	1	00	04
Nazzaro	1	00	23
Murphy	1	01	38
Minoïa	1	09	23
Horner	1	08	15
Zborowski	1	10	15
Guyot	1	16	38
Silvani		—	
Lefèvre		—	
Alzaga	1	31	12
Rougier (abandonou)			

200 kil.	h.	m.	s.
Bordino	1	19	06
Salamano	1	19	58
Nazzaro	1	20	06
Murphy	1	21	55
Minoïa	1	25	48
Horner	1	30	43
Guyot	1	40	01
Alzaga	1	52	54
Zborowski (abandonou)			
Silvani (abandonou)			
Lefèvre (abandonou)			

250 kil.	h.	m.	s.
Bordino	1	38	57
Salamano	1	39	29
Nazzaro	1	30	44
Murphy	1	41	59
Minoïa	1	46	58
Horner	1	52	54
Guyot	2	03	40
Alzaga	2	18	57

300 kil.	h.	m.	s.
Bordino	1	58	55
Nazzaro	1	59	06
Salamano	1	58	11
Murphy	2	02	05
Minoïa	2	13	28
Horner	2	14	59
Guyot	2	28	58
Alzaga	2	39	40

350 kil.	h.	m.	s.
Bordino	2	18	27
Nazzaro	2	18	45
Salamano	2	18	46
Murphy	2	22	20
Minoïa	2	29	54
Horner	2	37	45
Guyot	2	53	15
Alzaga		—	

400 kil.	h.	m.	s.
Bordino	2	38	01
Nazzaro	2	38	43
Salamano	2	38	45
Murphy	2	42	45
Minoïa	2	50	36
Horner	2	59	19
Guyot	3	19	52
Alzaga	3	26	10

450 kil.	h.	m.	s.
Nazzaro	3	02	29
Salamano	3	02	53
Bordino	3	06	28
Murphy	3	06	51
Minoïa	3	16	28
Horner	3	27	30
Guyot	3	42	45
Alzaga	3	54	08

500 kil.	h.	m.	s.
Nazzaro	3	22	24
Salamano	3	22	34
Murphy	3	29	31
Minoïa	3	38	52
Horner	3	55	12
Guyot	4	07	17
Alzaga	4	21	52
Bordino (abandonou)			

550 kil.	h.	m.	s.
Nazzaro	3	42	34
Salamano	3	44	23
Murphy	3	50	35
Minoïa	3		47
Horner	4	12	42
Alzaga	4	48	01
Delalande (troca com Guyot)	4	57	03

600 kil.	h.	m.	s.
Nazzaro	4	02	53
Salamano	4	04	10
Murphy	4	11	16
Minoïa	4	21	21
Horner		—	
Alzaga		—	
Delalande		—	

650 kil.	h.	m.	s.
Nazzaro	4	23	55
Salamano	4	24	09
Murphy	4	31	53
Minoïa	4	44	45
Horner		—	
Alzaga		—	
Delalande (abandonou)			

700 kil.	h.	m.	s.
Nazzaro	4	44	22
Salamano	4	44	43
Murphy	4	52	22
Minoïa		—	
Horner		—	
Alzaga		—	

750 kil.	h.	m.	s.
Nazzaro	5	05	26
Salamano	5	07	34
Murphy	5	12	51
Minoïa		—	
Horner		—	
Alzaga		—	

800 kil.	h.	m.	s.
Salamano	5	27	35
Nazzaro	5	28	02
Murphy	5	32	51

TEATRO SÃO LUIZ
HOJE E TODAS AS NOITES
Confirma-se calorosamente o grande sucesso de ha 40 e 20 anos da celebrada peça fantastica em 3 actos e 16 quadros
O GATO PRETO
120 personagens em scena — 30 numeros de musica — Deslumbrantes scenarios — Luxuoso guarda-roupa — Esplendida enscenação — Maquinismos sensacionais — Brilhantes efeitos de luz — Magnifico desempenho — Preços populares — Geral 2$00

= POLITEAMA =
Emp. Luiz Pereira — Telefone 3:028-N.
Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha
— Direcção artistica de ARAUJO PEREIRA —
A's 21 — A peça regional de Ramada Curto
A FERA
SUCESSO NUNCA VISTO
Colossal desempenho de José Alves da Cunha, Berta Bivar e toda a companhia
REPRESENTADA SEM PONTO
A'manhã — RECITA DO AUTOR

TEATRO AVENIDA
HOJE — ULTIMA REPRESENTAÇÃO
Revista de Praxedes
A'manhã — Recita do actor ANTONIO GOMES (da Trindade)
A BICHINHA GATA
Dia 20 — A opereta «A SEVERA»

NACIONAL Telef. N. 3049
HOJE
O CABEÇA DE TURCO
A peça mais graciosa e de maior agrado na atualidade

TEATRO MARIA VICTORIA
(Avenida Parque Mayer)
HOJE — A's 20,30 e 22,30 — HOJE
FADO CORRIDO
A mais deslumbrante e atraente de todas as revistas!
Em virtude do extraordinario exito obtido nos espectaculos de hontem em que as lotações se exgotaram por completo, toma parte nas 2 sessões de hoje a pequena guitarrista e cantadeira de fados ISABEL DE SOUSA

APOLO
Telef. N. 4129 A's 21,15
2.ª representação do original português de J. da Costa Cascais
A Lei dos Morgados
Optimo desempenho
Esmerada enscenação — Guarda-roupa a rigor

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Cartas

Ha quem adore cartas. Ao dize-lo não me refiro ao jogador que a paixão das «cartas» seduz e desnorteia, refiro-me a quem adora as cartas que escreve e que recebe, tendo para escreve-las e le-las aquela ternura e aquela anciedade que tornasse o correio um mensageiro desejado e temido.

Ha no entanto uma sensivel relação entre as cartas de jogar e as cartas escritas. As cartas, sejam de negocios, sejam de amor, sejam de familia, são tambem um «jogo», um jogo que aborrece ou que apaixona, que é de reflexão ou de azar, que nem sempre realiza a combinação ambicionada, que nem sempre traz a figura necessaria e que muitas vezes arruina o «jogador» em dispendios de sentimento ou de retorica, de astucia, de paciencia ou de tempo e em que se joga até a felicidade.

Ha tambem quem tenha horror ás cartas — cartas de baralho ou missivas volumosas — é em geral quem teve um jogador arruinado na familia ou quem foi vitima de manejos epistolares, conversa escrita, que admite todos os disfarces, todos os mal-entendidos, todas as intrigas, que não tem olhar nem sorriso revelador, que mascara ou deforma o pensamento, que pode ser encantadora, perigosa e traiçoeira.

E' raro que uma carta corresponda á exacta expressão da verdade. Vem sempre embelezada ou artificiosa, pela delicadeza, pela literatura, pelo desejo de agradar ou de enganar.

Simples e laconica oculta, talvez, o melhor da sensibilidade de quem a escreveu. Cerimoniosa é constrangida mete-se nos moldes convencionais de sociedade... emfim, uma carta é sempre um problema, que raramente se resolve e um sobrescrito fraco e leve contem, muitas vezes, uma traição, um misterio ou um destino...

Maria de Carvalho

DE LUTO

D. Maria Luisa Leitão de Sá Guimarães

Vitimada por uma doença cancerosa faleceu ontem de manhã, na sua casa de Vila Nova de Ourém, a sr.ª D. Maria Luiza Leitão de Sá Guimarães, estremecida esposa do sr. Antonio de Sá Guimarães, proprietario naquela vila.

A ilustre extinta, que era dotada de excelente coração, deixa profundas saudades em todos que com ela conviviam.

Era mãe do antigo capitão de cavalaria sr. Antonio de Sá Guimarães, que se encontra exilado em Vigo e das sr.as D. Blandina Sá Guimarães da Silveira Lopes, espôsa do sr. Julio da Silveira Lopes, abastado proprietario nos Pisões; D. Maria Romana Sá Guimarães Azambuja, viuva do major de cavalaria Azambuja: D. Maria Amelia Sá Guimarães Taborda da Silva, esposa do sr. dr. Anselmo Augusto Taborda da Silva, delegado do Procurador da Republica em Vouzela; e D. Maria Luiza Sá Guimarães Prostes da Fonseca, esposa do capitão de cavalaria sr. Hermilo Prostes da Fonseca.

O «Diario de Lisboa» acompanha toda a familia enlutada no profundo golpe que acaba de sofrer.

Antonio da Silva Marinho

Faleceu no Porto o importante capitalista e grande industrial sr. Antonio da Silva Marinho, socio da fabrica de sedas Antonio Francisco Nogueira, tendo-se realisado hoje o seu funeral.

Os creditos

pelo ministerio da Agricultura

Comunicam-nos oficiosamente que não foi aberto nenhum credito de 15.000 contos pelo Ministerio da Agricultura, para o actual ano economico.

A propria verba orçamental aprovada para fazer face á crise economica, é dispensada por desnecessaria, pelo sr. ministro da Agricultura.

Um odio que cresce

A provincia e a politica

vistas de relance e apreciadas

por um jornalista em férias

Afastou-se o jornalista, por três semanas escassas, da balburdia citadina e procurou refrescar os miolos, molestados pelas ardencias do sol e pelas ardencias da politica, num recanto modesto da provincia. Mas, nem ali, numa vilasinha modesta, alindada por um riosito de aguas muito brandas, e emoldurada numa paisagem calma, o vicio do oficio — a observação — lhe deu treguas completas.

De quando em quando, um detalhe, outro ainda, uma pessoa que chegava de paragens mais civilisadas, punham-lhe o espirito em sobressalto, e o repouso lá se ia, uma vez que isto de vêr e reflectir, não é faina que se interrompa tão completamente, como o lenhador o corte das suas arvores. E, já agora, que o periodico disso tire o seu proveito...

Na provincia, lá para o Norte, coberto de uma população densa, com seus ares de formigueiro, trabalha-se muito, trabalha-se a valer. A quebra do valôr do escudo estabeleceu, praticamente, a mais robusta das protecções pautais, e o fumo das fabricas desenha-se em penacho, por qualquer ponto que o comboio atravesse. Em tudo se trabalha, de tudo se faz dinheiro. Não ha garotos que brinquem, nem homens validos que vadiem. Trabalhos arduos, no campo, no tear, nas «gares» e nos rios, lá o vai fazendo corajosamente essa gente que se cobre de roupas grosseiras, conforta o estomago com um pedaço de broa e umas pingas de caldo verde, mas que tem, acima da riquesa do dinheiro, a riquesa da alegria e que sai das fabricas, a caminho da casa humilde, cantando como se abandonasse uma romaria.

* * *

Trabalham muito e não têm uma situação desafogada. Sofrem e ao preguntarem as causas desses sofrimentos respondem-lhes, invariavelmente:

— E' a crise.

Nem sabem o que isso é. Associam logo ideias com a maior das simplicidades. A crise é a politica. A politica é Lisboa. Logo, se sofrem, é devido aos sujeitos de rabona e chapeu de coco que, ao anunciarem-se eleições, costumam aparecer na vila com grandes pastas debaixo do braço, e um ar pensativo.

Lisboa! A hostilidade cresce, adensa. A provincia antipatisa com a balburdia politica, pingolejando sangue, com que a capital se delicia.

* * *

Não é só o povo das lavras e dos teares que tem essa antipatia irraciocinada, pela capital. E' um sentimento que abrange todas as classes. Por isso, sempre que qualquer mal as aflige, voltam-se para o sul, em direcção a Lisboa — como os arabes, no deserto, em direcção a Meca — mas, em vez de uma oração, sai-lhe dos labios uma maldição.

Há greve geral em Lisboa e no *halt* de um hotel o caso é apreciado, perante os jornais chegados de fresco. Um sujeito velhote, de suissas, berloques de ouro, botas de lona e panamá, irrompe, indignado. Apostrofa Lisboa, os seus habitantes e as suas edificações. Já não é antipatia. E' odio. Cicia muito as palavras e nele se adivinha um minhoto regressado á patria após estadia larga no Brazil.

O jornalista, que é de Lisboa, zanga-se e riposta...

— Mas, senhor, em Lisboa, a gente mais socegada, são os lisboetas!...

O interlocutor arripia-se, indignado. A assembleia assimila o arrepio e olha-nos desconfiadamente, hostilmente.

— Sim, em Lisboa, quem faz a politica, as revoluções, é a provincia.

— A provincia? — ruge apopletico, o inimigo da capital.

— Sim. Quantos politicos ha, na cidade, que nela tenham nascido? E os soldados com que se fazem as revoluções, não vêem da provincia? E os funcionarios a mais? Não debandaram de casa, trocando a humildade do logarejo provinciano, pelas delicias de Lisboa?

A nossa orgumentação domina. Estão vencidos. Então a vaidade conquista-nos e concluimos, num gesto de filosofo sceptico, a descair em conselheiro Acacio:

— As capitais são o ponto de encontro de tudo, que de bom e de mau tem um país.

* * *

Para os lisboetas lerem: no Baixo-Minho, onde os ordenados ficam entre oito e doze escudos, um quilo de pão de farelo — de farelo! — custa 1.500. O pão de trigo 4.200. No Douro, na região de Aveiro, gira o preço entre 3.800 e 4.000. Por aí abaixo, até ás portas de Lisboa, o mesmo ou peior.

Quanto a fruta, no Baixo-Minho ainda: melões, razoaveis, cada, 5$00 em media; pecegos, sessenta centavos; uvas, dois escudos e meio o quilo.

* * *

Não duvidem. Em Lisboa, somos ainda, relativamente, felizes. Aqui, ha tempo, ainda, para discutir politica, com ela envenenando o espirito. Lá para cima, o pouco tempo que sobra do trabalho, é aproveitado para dormir e rilhar o pedaço de broa com seis dias. E emquanto a rilham, os olhos voltam-se para o sul, obstinadamente. Para lá, ao longe, fica Lisboa. E em Lisboa — está o mal.

* * *

As ferias foram curtas e, ainda as derradeiras impressões de Lisboa não se tinham apagado e já o *rapido*, velozmente, dela nos aproximava. Um comboio é um pedaço de cidade posto a circular entre campos. Não admira, por isso, que num vagon se faça conversa de *café* e se aborde politica. E a politica, nesta temporada de aguas de sombra e aguas de mar, envolve um nome apenas: — Afonso Costa.

Vem? Não vem?

Um sujeito, que tem desempenhado postos de categoria em varios governos, um desses secretarios de ministro, por quem ninguem dá mas que, ás vezes, trabalham mais e melhor que o titular da pasta, mostra-se em disposições de saciar a curiosidade dos circunstantes. Visitára, dias atrás, no seu *chalet* da Serra da Estrela, Afonso Costa, e mostrava conhecer-lhe bem as intenções. Vai ele, pois, tomar a palavra.

* * *

— Volta o homem. E' coisa assente. Assim que o Parlamento reabrir, lá está caido. Agora, daqui por dias, vai até Paris, acaba de arrumar a sua vida, arrecada os ultimos papeis e... pronto. Tanto assim, que a familia já não o acompanha. Fica na serra, a ferragear energias, para auguentar os sobressaltos a que o novo periodo de actividade politica do seu chefe, a vai expor. E vem magnifico, rico de bagagem, com ideias, com projectos, com uma firme vontade de se tornar util, ao país e ao regime.

Alguem interroga: — E vai já para o poder?

Já, já — não. Agora, já, vida parlamentar. Mas lá para deante, assim que as circunstancias o permitam, o sr. dr. Afonso Costa voltará corajosamente sem sacrificios.

* * *

E conversa-se muito. Uma conversa tão fumarenta como o fumo dos cigarros nervosamente queimados no calor da discussão. O interesse do debate fragmenta-se, todos esquecem a politica para pousar no conforto do lar que se aproxima. E, já na «gare» do Rocio, á luz espectral dos globos electricos, o jornalista, observando um por um os seus companheiros de viagem, de tão intenso interesse politico tão permanentemente apegados ás flutuações da politica nacional, verificou que, natural de Lisboa, já havia um. E era ele!

Por ciume ou malvadez

O crime de Algés

O assassino procedeu com requintes de ferocidade?

Faleceu ontem no Hospital de S. José Mercedes Soares, aquela pobre rapariga de 18 anos, que ante-onten á noite, na praia de Algés, foi barbaramente agredida á tiro por Carlos Sabino Ruivo, encarregado dum talho.

Uma das testemunhas da scena, o sr. Adriano da Silva, contou-nos como se passou. E como a sua versão é bastante diferente da do assassino, achamos interessante reproduzi-la:

Ha um ano — pelo que diz a irmã da vitima — quando a Mercedes veiu da terra, aborreceu-se dele e deixou-o, começando a namorar outros, tendo passado alguns meses na terra.

O Carlos, constantemente, afirmava que ela havia de ser dele, quer quizesse, quer não, e que um dia perdia o respeito a tudo e ia buscá-la.

Ante-ontem, calculando que a Mercedes e a irmã fossem para Algés, seguiu para ali, com um amigo. Não se enganou, porque pouco depois de abancarem num pavilhão, chegavam as duas, acompanhadas por outra mulher e por uma rapariga.

Ora a referida mulher tinha pedido a uns rapazes que tocam guitarra para aparecerem em Algés a fim de se passar um bocado de noite na praia. E quando esses quatro rapazes apareceram — um deles é quem conta o caso — seguiram todos para a praia onde estiveram tocando.

E' falso que qualquer dos rapazes tivesse dado o braço á Mercedes ou a qualquer outra, tanto mais sendo certo que os unicos conhecidos do grupo eram a mulher acima referida e um dos guitarristas.

A não ser a Mercedes e a irmã, ninguem deu fé de que o Carlos as seguisse.

Emquanto os homens tocavam, o Carlos aproximou-se, sem causar suspeitas Chamou:

— Mercedes!

Ela levantou-se:

— Carlos!

Um tiro na cabeça cortou-lhe a palavra.

Toda a gente ficou espantada e apavorada. E o Carlos, de pistola na mão, não deixava ninguem aproximar-se, nem socorrer a ferida.

A irmã da Mercedes censurou-o e ele ameaçou-a de lhe fazer o mesmo.

Como a Mercedes gritasse, desfechou-lhe outro tiro no peito.

Um dos individuos do grupo, fazendo-se extranho, disse-lhe:

— Olhe que a pequena inda se póde salvar...

— Mas eu quero que ela morra! Ha de morrer...

E, sempre de pistola na mão, pediu-lhe para lhe fazer um cigarro, emquanto a pobre rapariga se esvaia.

Entretanto chegava a policia que o prendia, apreendendo-lhe a arma. Ao tirar a ultima bala da pistola, o Carlos disse para o policia:

— Esta estava reservada para si...

Por esta ligeira narração, se póde avaliar bem dos figados do assassino da pobre Mercedes.

Navio de guerra "Vulcano"

Vai ser exonerado de comandante do navio de guerra *Vulcano* o capitão-tenente sr. Azevedo Franco e nomeado para o substituir, o capitão-tenente sr. Eduardo Maria Soares.

Torpedeiro n.º 2

Vai ser exonerado de comandante do torpedeiro n.º 2, o 1.º tenente sr. Monteiro Guimarães.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES — A Cidade — CRONICAS E ENTREVISTAS

Resultados duma greve

O porto de Lisboa

A exploração e a entrega do trafego a uma companhia

Noticiaram os jornais que os descarregadores do Porto de Lisboa, que se encontram em greve, iam tomar conta do serviço da E. P. L., por intermedio do seu sindicato.

Esta tarde, ouvimos um dos delegados da comissão de melhoramentos:

—Quando é que o sindicato toma conta do serviço daExploração do Porto de Lisboa?

—Não é o nosso sindicato.

—Então quem é?

—E' uma companhia que conseguimos arranjar para tomar conta do serviço e de todo o pessoal que se encontra desempregado.

—Oferece mais regalias?

—Além do aumento de 100 0/0 nos actuais salarios, todas as regalias que o pessoal auferia na Exploração.

—Essa companhia já tem o exclusivo do trafego?

—Ainda não?

—Porquê?

—Por causa da politica entre os armadores e a Administração do Porto de Lisboa. O pessoal já não tem que vender nem que empenhar e a fome é má companheira...

Um operario, mais exaltado:

—O sr. administrador da E. P. L. disse que era com muita pena que nos haviam dispensado do serviço, mas que o Estado não podia perder 1.600 contos por ano Conseguimos arranjar uma Empreza, que se prontifica a tomar conta dos serviços e a pagar-nos o que é razoável—e agora estão protelando a nossa situação.

—Essa companhia dá algumas regalias ao Estado?

—Paga-lhe uma contribuição, o que já é alguma coisa, para quem perdia centenas de contos.

—Os armadores tambem pretendem tomar conta do serviço?

—Eles o que pretendem é agravar a miseria do pessoal, porque se quizessem fazer alguma coisa já o tinham feito antes da companhia se organisar.

—Como sabe isso?

—Porque a Exploracão, assim que despediu o pessoal e acabou com a exploração do trafego comunicou-lhes que, a partir do dia 15, era considerado o cais livre.

—O que tenciona fazer o pessoal?

—Aguardar que a Exploracão do Porto de Lisboa, conceda o exclusivo á companhia que nós arraniámos.

—Mas se os armadores oferecerem mais vantagens...

—Não pensem nisso!

—Porque não concede a Exploração o exclusivo a essa Companhia?

—Porque se não lembra da miseria que o pessoal está atravessando.

—Creio que não deve ser essa a unica razão...

—Trata-se de politica entre amadores e a direcção da Exploração.

O crime dum comerciante

Foi hoje enviado para o tribunal da Boa Hora o comerciante sr. Augusto Serras, acusado de ter disparado dois tiros de pistola contra o conhecido vigarista Raul Monteiro, o «Espanhol de Alfama».

O sr. Serras foi afiançado em consequencia de se ter averiguado que os tiros foram disparados em auxilio da policia.

POLITEAMA
HOJE HOJE
A FERA

O problema do pão

O tipo unico vai crear-se

mas o actual regimen cerealifero

não sofrerá qualquer modificação

O pão! O pão nosso de cada dia ainda continua a dar que falar, embora os animos tenham serenado e os ultimos écos da greve se tenham sumido nos sete circulos do espaço.

Os jornais noticiaram hoje de manhã varias coisas que se relacionam com o ministerio da Agricultura, conseqüentemente com o problema do pão.

Saimos propositadamente para falar ao ministro. Não foi preciso ir ao Terreiro do Paço. Encontrámo-lo no Chiado, e, como sempre, muito amavel e sorridente para nós—o dr. Joaquim Ribeiro parece, pela afabilidade do trato, que já passou por esta lufa-lufa do jornalismo—atento á nossa primeira pregunta, responde:

—Um credito de 15.000 contos a favor do meu ministerio?

—E' o que vem nos jornais...

—Mas isso não é comigo. E' com o meu antecessor. Eu não pedi verba nenhuma... Não preciso.

—Não precisa?

—Não. Se eu acabei com o pão politico precisamente para poupar despesas, ia agora pedir mais dinheiro aos cofres do Estado?

Uma pequena pausa—a pausa de todas as entrevistas. Depois—mudando de assunto:

—Então vai ser criado um tipo unico de pão?

—Sim, a titulo de experiencia. Vamos a ver o que dá.

—A 1$60 o quilograma, diz-se.

—Talvez ainda mais barato.

—Mas o regimen cerealifero continua o mesmo?

—De certo. Esse pão será fabricado pela Manutenção Militar e será distribuido pelos armazens reguladores, onde o publico o encontrará á venda.

Pão para todas os preços e para todos os paladares.

—Em regimen de concorrencia... O publico terá muito onde escolher.

Iamos a fazer mais duas preguntas. O ministro, adivinhando-as, estendeu-nos a mão e partiu.

Para outra vez será.

* * *

As padarias independentes resolveram pedir a extinção do pão pequeno, e a criação dum tipo unico, ao preço de 1$60.

Devem reunir esta noite, sendo de esperar que ámanhã tenham uma larga conferencia com o sr. ministro da Agricultura.

UM PROBLEMA IMPORTANTE

As reparações das estradas de Portugal

Já foram apresentadas três propostas

Já ha dias nos ocupámos aqui do problema importantissimo da reparação das estradas, problema que está sendo estudado com o maior interesse e cuidado pelo sr. ministro do Comercio, com quem falámos, então, numa rapida entrevista sôbre o assunto.

—Hoje voltámos a procurá-lo no seu gabinete, e colhemos, ainda que o problema não esteja ainda devidamente elucionado, as seguintes afirmações:

Efectivamente foi ontem assinado o decreto que aprova o segulamento, com as taxas actualisadas, do imposto de transito, criado pela lei de 1921, sôbre estradas, da autoria do dr. Antonio da Fonseca.

—E por esse imposto...

—Conseguir-se ha uma renda anual de 20:000 contos.

—Insuficiente ainda, não é verdade?

—Sim—mas ha que contar com outras receitas... Todavia, a aprovação deste diploma pode considerar-se a base principal para a solução do problema das estradas...

—E esse imposto será pago...

—Por todos os que se utilisam das vias de comunicação—veiculos, camions, etc.

—Cobrado em todas as estradas do país, não é assim?

—Naturalmente se todos elas precisam de reparações...

—Principalmente as estradas do sul...

—Sim, devido á constituição do solo. Ao norte predomina o granito, mais consistente, ao sul o calcareo, muito mais facil de deterioração, principalmente no inverno.

—E a reparação das estradas como será feita? Empresas particulares?

—Evidentemente, já tenho em meu poder três propostas.

—Mas o Estado...

—Ora! Para acontecer uma embrulhada como nos *Transportes Maritimos*! Não. Deixemo-nos de burocratisar os serviços que necessitam de uma rapida solução.

—Como este das estradas, não é verdade?

—Absolutamente. Este impõe-se como poucos. Tinha que sêr uma medida do governo. Se contassemos com o Parlamento nunca mais se realizaria!

Pelos teatros

«A filha de Lazaro»

A proposito da representação, no Sá da Bandeira, do Porto, da peça «A filha de Lazaro», de Chianca de Garcia e Norberto Lopes, «O Primeiro de Janeiro» diz o seguinte:

«O assunto é sombrio, mas tem pitoresco e côr local. A linguagem é propria e revela um meticuloso estudo. A acção é interessante e os personagens, arrancados com flagrante verdade, á vida, tem nervos, tem sangue, são humanos. E' uma estreia auspiciosa e uma promessa que nos garante que esses dois rapazes poderão dar-nos trabalhos de maior perfeição e segurança.

«O Comercio do Porto» disse o seguinte:

«A filha de Lazaro» é uma peça rustica de sensações fortes; as suas personagens, gente rude que habita a serrania, fazem vibrar os nervos do espectador com os seus instintos generosos, mas asperos como as penedias da serra, enamorados e grosseiros como os pinceros mais altos da serrania. E' um embate de sensações violentas, rigidas, vigorosas, exterioisadas por almas toscas, em que predomina o amor mais violento e a vingança mais feroz

Companhia Otelo de Carvalho

O reportorio da Companhia Otelo de Carvalho que se estreia no teatro Apolo, no próximo mez de Outubro é constituido pelas seguintes peças; «Pé de meia», de Eduardo Schwalback, «Giga-joga» de André Brun e Antonio Carneiro, «Pinarote» de Alberto Barbosa, Xavier de Magalhães e Lourenço Rodrigues, «Lua nova» de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos e Henrique Rolcão, «Fructo proibido» dos escritores portuenses Ascenção Barbosa e Abreu e Sousa, «Vida airada» do jornalista portuense Alvaro Machado e de Fernando Luz, um novo original da parceria, um novo original de Lino Ferreira e D. José Paulo da Camara (que se estreia em revista), uma opereta de Acurcio Pereira e D. José Paulo da Camara, uma opereta de André Brun, a revista «Ovo de Colombo» de Eduardo Schwalback, e a revista «Coisas da Vida» de Alvaro Machado.

Dois velhos artistas

Ante-ontem, depois do espectaculo do Alvo, ultima recita da peça «As Pupilas do sr. Reitor», reuniram-se numa ceia alguns dos artistas da companhia daquele teatro, sendo oferecida aos dois velhos artistas Manuel dos Santos Oliveira e Duarte Silva, uma ceia de homenagem pela fórma brilhante como emprestaram a sua colaboração ao desempenho daquela peça, o primeiro interpretando a curiosa figura do «José das Dornas» e o segundo o papel de «João Semana», merecendo do publico e da critica os mais rasgados elogios. Mendonça de Carvalho, em seu nome e no de sua esposa, a ilustre actriz Maria Matos, num brinde sugestivo, agradeceu aos dois simpaticos actores a sua interessante cooperação no inicio da sua nova empresa.

Antonio Gomes (da Trindade)

O Avenida vai ter ámanhã uma noite de entusiasmo. Realiza-se a festa artistica do popular e querido actor comico Antonio Gomes (da Trindade), primeira figura masculina da Companhia e «compère» da encantadora revista «Bichinha Gata», que volta á scena naquele teatro, a pedido instante do publico.

Atrás do reposteiro

Efectua-se ámanhã no Politeama, com a 15.ª representação da peça «A fera», a recita do seu autor, Ramada Curto.

—Pela empreza Macêdo & Brito, no teatro Nacional, foi entregue na A. C. T. T. a quantia de 472$50, de um «fauteuil» captivo a favor desta instituição.

—O escritor brazileiro Carlos Bettencourt, que hoje seguiu para Paris, retirou da empreza Otelo de Carvalho a sua revista «Meu bem não chora...».

—A companhia Armando de Vasconcelos faz a sua apresentação, no S. Luiz, no proximo sabado, 22 do corrente.

—Os papeis que o actor José Silva desempenha na revista «Fado corrido» passam, desde o dia 20, a ser feitos pelo actor José Santos, que fez parte da «tournée» Nascimento Fernandes.

—Faz parte do repertorio da companhia Romualdo de Figueiredo, que parte no proximo sabado para Africa, a opereta em três actos «Guerra ás mulheres», original de Venceslau de Oliveira.

—A companhia Adelina Abranches-Alexandre de Azevedo-Sacramento dá ainda ámanhã um espectaculo em Setubal, no teatro Recreio do Povo.

— Na proxima quarta-feira realisa-se no teatro Maria Victoria a recita dos secretarios da companhia Antonio de Macedo, Antonio Vasques e Joaquim Ferrugem, muito estimados no meio teatral.

—Carece de fundamento a noticia de que a sociedade construtora do Gimnasio, ou de qualquer delegado seu, tenha oferecido, seja a quem fôr, a exploração do referido teatro, cuja construção prosegue activamente, estando já no segundo pavimento.

Banco Portuguez e Brazileiro

— LISBOA —

FUNDADO EM 1891

Telefones C. { Expediente: 531 / Direcção: 4308 — Telegramas — BRAZILEIRO

Codigos A B C, 4.ª e 5.ª edição e Ribeiro

Capital. . . Esc. 10:000.000$00
Reservas Esc. 10:400.000$00

FILIAL NO PORTO

PRAÇA ALMEIDA GARRETT

Agentes em todos os paizes

CORRESPONDENTES NAS PRINCIPAES PRAÇAS DO MUNDO

Depositos á ordem e a prazo em moedas portuguezas e estrangeiras

COMPRA E VENDA DE CAMBIOS

Cartas de credito e circulares sobre todos os paizes

Operações bancarias em todo o genero

CONFORTAVEIS

GENERO «MAPPLE» FORRADO DE PELLE, ETC.

MOBILIAS

GRANDE SORTIMENTO DE

CARPETES

A PREÇOS BARATISSIMOS

JOSÉ OLAIO & C.ª (FILHO)

RUA DA ATALAIA 36 a 40 — (Predio todo)

TEL. C. 3082

GRAND PRIX

O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO-LONDRES 1904

PREMIADO COM MEDALHAS DE OURO NAS EXPOSIÇÕES:

RIO JANEIRO 1908 ANVERS 1894 BELEM 1895 — LONDRES 1904 LISBOA 1888 PARIS 1889

MOSTRUARIO INDUSTRIAL PORTUGUES 1918, ETC.

Vinho Nutritivo de Carne

É o melhor tonico nutritivo que se connece, fortificante, reconstituinte, desenvolvendo rapidamente o apetite, enriquece o sangue e fortalece os musculos. O seu uso é indispensavel em todas as convalescenças e casos de fraquesa geral. E' hoje o tonico mais recomendado pelos Medicos. Mais de 30 anos de resultados sempre eficazes. Um calix deste vinho representa um bom bife.

DEPOSITO GERAL-FARMACIA FRANCO, FILHOS

RUA DE BELEM, 174-LISBOA

Á VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

NAO HA MAIS PANNES!!!

OS PNEUS "WIG"

Ocos sem camaras d'ar, completamente de borracha. Nenhuma interrupção nas corridas por pannes. Nenhuns concertos nos pneus. Dispensam levar pneus de reserva. A mais perfeita solução do problema de reunir a mais absoluta segurança com a maxima elasticidade, solidez e duração. São os pneus indispensaveis para automoveis. motos e bicicletas em que a segurança de marcha é uma questão fundamental.

Representantes exclusivos para Portugal, Ilhas e Colonias

CANHA & FORMIGAL, L.DA

RUA DO LARGO DO CORPO SANTO, 6, 1.º

SOUZA, MOURA & C.A, L.DA

CASA BANCARIA

103, RUA AUREA, 105—LISBOA

Compra e venda de moedas, notas estrangeiras, papeis de credito, ordens de Bolsa, cheques sobre as principais praças do Pais e estrangeiro, depositos á ordem e a praso. Todas as transacções bancarias.

Telefone C. 3033 End. Tel. SOURA

GAZOLINA "Shell" PETROLEO

QUALIDADE SUPERIOR

Oleos combustiveis

Oleos de lubrificação

PEDIDOS A'

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.ª L.TD

LISBOA — Rua do Crucifixo, 49

PORTO — 246, Rua Mousinho da Silveira, 250

CIMENTO BELGA (Marca Aguia)

Drogas, tintas, alvaiades e productos quimicos

Importação directa

Salvador Barata, Limitada

RUA DAS GAIVOTAS, 19-A

PAPELARIA VIUVA MARQUES

TELEFONE C. 2676

LIVROS COMERCIAIS PARA ESCRITURAÇAO

Artigos de escritorio — **Material para desenhadores**

—— PREÇOS MODICOS ——

34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38

— LISBOA —

AO HERPETOL

Devo o aveludado da minha pele

Este maravilhoso medicamento para **uso externo** provoca um immediato bem estar. Após poucos dias de tratamento o padecente vê em via de cura todos os casos de **eczema humido e seco, crostas duras, espinhas e erupções.**

A comichão desappareceu como por encanto. Em alguns casos uma só aplicação é o bastante para uma cura.

E' o medicamento por excelencia para todas as molestias de pele, entre elas **eczemas, crostas, chagas, acnó, erupções, espinhas, manchas, sarna, ardencia na pele e as causadas por mordeduras de insectos.** Não hesite e compre sem demora um frasco, que se vende nas principais farmacias e nos depositos: em Lisboa, rua da Prata, 237. No Porto, rua Passos Manuel, 65.

LITOGRAFIA COSTA & VALERIO

Fabrica de cartas de jogar

Especialidade em trabalhos de chromo e gravura

Poço Novo, 30 (aos Paulistas)

AZEITES

REFINADOS PARA

CONSERVAS

DA ACREDITADA CASA

CARBONELL & C.A (S. em C.)

CORDOBA

Pedidos e amostras aos agentes exclusivos para Portugal

J. Narciso, L.DA

Rua dos Alamos, 7--LISBOA

Telefone 3121 – N.

OURO Prata e Joias

com safiras, diamantes e brilhantes

Só vende mais BARATO

o Correia & Moura, Limitada

Rua de S. Paulo, 186

Proximo á Casa da Moeda

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

O CONFLITO ITALO-GREGO

"The Times,, presta justiça a Mussolini pois que a sua conduta tem sido leal

LONDRES, 13

Segue-se com grande atenção a situação de Corfú. Desde que os italianos se comprometeram a evacuar a ilha, logo que estivesse assegurada a execução das condições propostas pela conferencia dos Embaixadores, ha a persuasão que a promessa será cumprida. A natureza complicada e os perigos da situação causam certa preocupação nos meios oficiais e deseja-se que se acabe com a tenção e que se remova o perigo de incidentes, o que está manifestamente á disposição da Italia. Na imprensa não se oculta a satisfação pelo acordo entre o ponto de vista francês e o inglês sobre a conveniencia duma evacuação pronta.

O «Daily Telegraph» diz que «a intervenção do governo britanico na questão de Corfú fi unicamente motivada pelo desejo de salvar o direito expresso no Pacto, bem como os direitos do Tratado das nações pequenas. Foi por isso que o governo britanico escolheu a Liga das Nações como o instrumento mais adequado, tanto para prevenir a guerra como para reparar a infracção do pacto. O gesto da França é contudo digno de louvor».

O «Times» diz: «Recusamo-nos firmemente a acreditar no que se dizia em certos meios em desabono da boa fé de Mussolini. Ele afirmou que a ocupação de Corfú era apenas um penhor e que não cobria propositos de engrandecimento territorial ou quaisquer outros fins politicos. Devemos prestar justiça ao Presidente de Ministros da Italia emquanto a sua conduta não demonstre que incorremos em erro». — (R.)

Esta semana
começará o inquerito ao assassinato

Espera-se que as salvas que devem ser dadas em Phaleron pela esquadra grega aos navios de guerra aliados e as cerimonias de respeito ás vitimas do assassinato de Janina se realisam ainda esta semana e que a comissão de inquerito ao assassinato começará o seu trabalho ainda na semana proxima. Entretanto, espera-se que as autoridades gregas procederão com o maior rigor e actividade ás investigações e delas depende o resultado a obter.

A evacuação foi um ponto que Mussolini prometeu duma maneira definida. Ha uma certa anciedade por parte da pequena Entente e doutras nações, por ver esta operação acabada —(R.)

Foi adiada
mais uma vez a discussão...

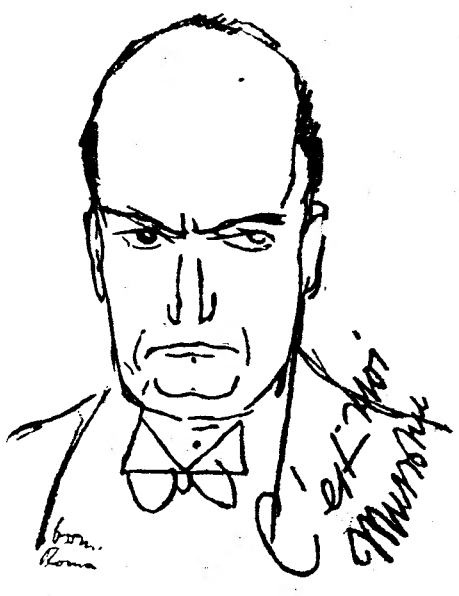
GENEBRA, 13

Ao abrir a sessão de ontem do Conselho da Sociedade das Nações, o visconde de Ishi pediu o adeantamento da discussão do conflito italo-grego, a fim de não se crear alguma complicação que possa influenciar a solução, e que foi aprovado pelo conselho. — (L.)

A ACTUALIDADE INTERNACIONAL

MUSSOLINI E FIUME

Na iminencia de um conflito grave?



O caso de Fiume voltou a estar na ordem do dia da politica internacional. O *ultimatum* de Mussolini tem, naturalmente, um prazo, que expira depois de ámanhã. E, como bem pode ser que a questão entre, dentro em breve, numa fase critica, sobremaneira aguda, não será desprovido de oportunidade que a relembremos, para ilucidação dos leitores a quem estas coisas interessam. Até agora, o pleito sintetiza-se assim:

Em 12 de novembro de 1920, Giolitti, o conde de Sforza, e Bonomi, por um lado, Vesnitch, Trumbich e Stojanowitch, por outro, assinaram um tratado que regulava todas as dissenções territoriais entre a Italia e a Yugo-Slavia. No que respeita a Fiume, o artigo 4.º desse acôrdo resava assim: «O reino de Italia e o reino Servio-Croata-Sloveno reconhecem a plena liberdade e a plena independencia do Estado de Fiume, comprometendo-se a respeitá-las *in-perpetuum*. O Estado de Fiume é constituido pelo *corps separatum*, delimitado, como é actualmente, pelos confins da cidade e do distrito de Fiume, e por uma zona do territorio istrio assim delimitada por sua vez... (seguem-se as indicações geograficas que determinaram detalhadamente o traçado da fronteira). O *corps separatum* em referencia é o mesmo que já fôra estabelecido no seculo XVIII, e tem de interessante, para o momento, a circunstancia de deixar fóra dos limites do Estado de Fiume, atribuidos á Yugo-Slavia, Sussak e o porto Baros, instalação maritima moderna fronteira ao delta do rio Fiumara. Depois da assinatura do tratado. a Italia evacuou Sussak, mas ocupou sempre Baros e o delta.

Fixadas as fronteiras, de comum acôrdo, deu em procarar-se a maneira de realisar uma *entente* economica tornada desde logo indispensavel pela divisão do porto de Fiume em duas partes. Reuniram-se comissões de peritos, o problema foi demoradamente estudado, até que a Italia apresentou as seguintes propostas: Fiume, Baros e Sussak constituiriam um todo economico ligado ao Estado de Fiume, e esse todo economico ficaria sujeito ao *contrôle* italiano. Foi nessa altura que a Yugo-Slavia protestou. E fê-lo porque, semelhante proposta era, nada mais nada menos, a anulação pura e simples do tratado de Rapalo, dela resultando a entrega de Fiume á Italia e a perda decisiva, para os yugo-slavos, de Baros e de Sussak.

Entretanto, Mussolini, tendo-se dado na Italia os acontecimentos politicos que o levaram á chefia do governo, interveiu no conflito. E interveiu de que maneira? Pretendendo impôr o criterio italiano quanto antes sob pena de retomar a sua liberdade de acção ao fim de um praso de poucos dias.

Esse praso termina no proximo sabado. Que irá acontecer? Por emquanto, ninguem o sabe nem pode prevê-lo com visus de acerto. Só o que se sabe e «o que se vê» é que a questão trás seriamente preocupados os centros diplomaticos. A comissão mista que está reunida em Roma para estudar o assunto, não se decidiu ainda a emitir o seu juizo; os delegados yugo-slavos, de tal modo Mussolini lhes falou que se deixaram intimidar chegando a aceitar, em principio, a tese italiana, não obstante julgá-la má. — Admissivel!!! E então?

Então... sabido que Mussolini não é homem que se desista de uma ideia que se lhe encasquetou no cerebro, está-se outra vez na iminencia de um grave conflito internacional.

E senão, veja-se a hipotese mais provavel por emquanto: A Yugo Slovia não acede até depois de ámanhã; Mussolini retoma, como prometeu, a sua liberdade de acção; pretende intervir a confederação suiça; o chefe fascista, alegando que a arbitragem prevista no tratado se refere apenas ao traçado da fronteira, nega competencia á Confederação, como já fez á Sociedade das Nações no caso de Corfú; e... e ai temos nós, outra vez, toda a gente a clamar que Mussolini é ditador, que Mussolini é doido, que Mussolini é isto e mais aquilo, bem podendo acontecer que os ares se turvem e a Europa inteira se veja, dentro de dias, em presença de nova balburdia ..

A CATASTROFE JAPONESA

As regiões por onde passou o cataclismo estão sendo rapidamente reconstruidas

LONDRES, 13

Os jornais londrinos mostram-se largamente surpreendidos com a rapidez da reconstrucção dos caminhos de ferro japoneses, postos a funcionar num curtissimo espaço de tempo, o mesmo sucedendo aos trabalhos de reconstrução das regiões destruidas, e que demonstra uma consideravel soma de energia dispendida pelos funcionarios encarregados desses serviços.

Segundo um telegrama de Washington, o presidente Coolidge fez um apelo ao povo dos Estados Unidos para contribuir com um minimo de cinco milhões de dollars para os socorros a prestar ás vitimas do terramoto japonês.

De Los Angelos dizem que um radiograma do Mexico comunica que a cidade de S. José del Cabo, na extremidade da peninsula que forma o golfo da California, soíreu a reacção do terramoto japonês, ficando destruida. Salvaram-se 500 habitantes que fugiram para as montanhas. — (Especial).

As populações
cuntinuam fuzilando os bandidos

ROMA, 13

Noticias oficiais do Japão confirmam o inicio dos trabalhos de reconstrução de Tokio e Yokoama.

Numerosos bandidos foram sumariamente justiçados pelas autoridades encarregadas de manter a ordem nas regiões destruidas.

O principe regente tem tomado parte activa nos trabalhos de socorro e remoção de escombros.

Os Bancos japoneses pediram ao governo que lhe garanta um emprestimo de 1.800 milhões de «yens» para estabilisar a situação financeira. — (Especial)

1.365:000 pessoas
sem abrigo em Tokio

LONDRES, 13

A embaixada japonesa em Londres comunicou que, segundo a mais recente avaliação, o numero de casas destruidas em Tokio é de 316:000 casas, ou seja 71 % do total das casas.

Ha 1.365:000 pessoas sem casa, o que representa 67 % da população total.

Em Yokoama, segundo calculos até agora obtidos, ficaram queimadas 70:000 casas. Morreram 23:000 pessoas e 40:100 feridas. — (R.)

CINEMA CONDES

As estreias de hoje — Homenagens em Paris a Gago Coutinho e Sacadura Cabral

Um colossal sucesso as estreias de ontem, no Condes. Para hoje, além de belos «films» dramaticos e de aventuras policiais, a grande atração. As homenagens prestadas em Paris aos gloriosos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

MELINA
O MELHOR E MAIS EFICAZ MATA FORMIGAS
VENDE-SE EM TODA A PARTE
Deposito Ceral
Fernandes, Almeida & C.ª, L.da
Rua do Largo do Corpo Santo, 10, 1.

AVENIDA PARQUE
(Antigo Parque Mayer) á Rua do Salitre
TODAS AS NOITES
VARIEDADES e DIVERSOES
CONCERTO DE «JAZZ BAND» — RESTAURANT — TEATROS — GLISSAGEM — TOMBOLAS
O RECINTO MAIS ANIMADO E AGRADAVEL DE LISBOA
Senhoras e crianças têm ENTRADA GRATUITA

COMPRA E VENDA DE TITULOS
Nacionais e Estrangeiros
Execuções de ordens de Bolsa
Cobrança de juros e devidendos
Filial em Vigo (Calle Colon, 21)
PANCADA, MORAES & C.ª
RUA AUGUSTA, 37 (esquina da R. de S. Julião)

EDEN TEATRO
Variedades — Espectaculos permanentes
2 — SESSÕES — 2
A's 21 horas e ás 22,45
HOJE — QUARTA FEIRA, 10 — HOJE
Grande Sucesso
LUISA DE LERMA, LA BETTINI, SOTILEZA, MARIA GAYARRE, CARMEN DE CADIZ, LAS CASTELLANITAS, CONSUELITO LOPES; GELY, CONCHITA AMIRES

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

19 DE OUTUBRO

Replica do promotor

No proximo sabado de ser lida a sentença

dos acusados da agressão ao industrial Alfredo da Silva

Tribunal Militar Especial. A audiencia reabriu ás 13 horas.

Ergue-se o general sr. Carmona, promotor de justiça. Vai replicar a defeza:

—Eu tenho procurado quanto possivel apresentar os factos quer sejam favoraveis ou desfavoraveis aos réus.

Dirigindo-se ao sr. dr. Nordeste:

—O sr. defensor que tem demonstrado toda a sua inteligencia neste processo, deixou-se apaixonar por vezes na defeza, o que lhe impede de ver as coisas como elas são.

Uma pausa:

—O sr. dr. Nordeste acabou a sua oração duma forma tactica, demonstrando habilidade na defeza e preparando a defensiva de forma a evitar que o adversario fosse sobre ele, exgotando todas as reservas.

Num gesto mais largo:

—A acusação não foi modificada, mas foi alterada nas suas partes principais.

Depois refere-se ás contradições, receios e timidez das testemunhas que se apresentaram no tribunal.

As testemunhas mentiram, algumas chegaram a ser dadas como prejuras. Pois se até se chegou a dizer que o sr. dr. Alexandrino de Albuquerque puchou de uma pistola para uma testemunha, o que se provou ser falso!

A defeza aproveitou em grande parte as declarações do sr. Alfredo da Silva. Ora, essas declarações, não pódem aproveitar-lhe, visto que um homem na situação critica em que a carne treme, não está em condições de prestar declarações. Se ele veiu ao tribunal, pouco mais o ilucidaria.

Tirando conclusões:

—O agente Oliveira nunca podia ferir o sr. Alfredo da Silva, visto a bala que foi extraida do corpo do ferido ser de menor dimensão que as da pistola do referido agente.

Em seguida aprecia os depoimentos de varias testemunhas.

Respondendo ao dr. Nordeste:

—A defeza reparou que eu tivesse dito que me havia repugnado este processo. Assumo a rsponsabilidade da minha afirmação. Mas não se vá supôr que eu acho o caso de Leiria mais repugnante que os casos do Arsenal. Responderam ao todo 30 oficiais neste tribunal e não houve um unico que interviesse em agressões. A afirmação da minha repugnancia foi de neste processo haver oficiais que intervieram em agressões, auxiliando-as. Não esqueço o que se passou no Arsenal!

Provas de natação

O sr. ministro da marinha cedeu a doca de Belem para os dias 16 e 30 do corrente, para nela se efectuar as provas de natação.

CAMBIOS

Dia 13

	Comprador	Vendedor
£/Londres, cheque	2 5/32	2 9/64
» 90 dias	=	=
£/Paris	1$415	1$430
£/Berlim	=	=
£/Holanda	9$615	9$690
£/Madrid	3$290	3$320
£/Bruxellas	1$165	1$180
£/Italia	1$075	1$085
£/Suissa	4$378	4$410
£/Suecia	=	=
£/Noruega	=	=
£/Dinamarca	=	=
£/Nova-York	24$400	24$700
£/Brasil	2$460	2$485
Rio £/Londres	=	=
Libra esterlina	=	=
Agio do ouro	=	=

NA RUA DE S. JOSÉ

UM DRAMA SANGRENTO

Na repartição do Correios e Telegrafos

Um terceiro oficial mata um superior com três tiros de pistola

Na Secretaria Geral dos Correios e Telegrafos, que está instaladá num predio antigo da rua de S. José, desenrolou-se hoje, pelas duas horas, uma scena sangrenta, que custou a vida ao segundo oficial daquela repartição, sr. Artur João Pires Ferreira.

Narremos os factos:

A Secretaria Geral dos Correios tem varias repartições; numa delas, ao fundo dum corredor, trabalhavam o sr. Artur Pires Ferreira, segundo oficial e chefe; Manuel Correia da Mata, as esposas dos dois, e ainda uma outra senhora e varios empregados.

A sala é acanhada. Entre duas janelas, com as costas para a rua, estava instalado o sr. Artur Pires Ferreira. Mesmo em frente, um pouco á esquerda, encontrava-se Manuel Correia da Mata, e, «vis-á-vis», a sr.ª D. Alice Adelaide Russel, sua mulher.

Entre o Manuel Correia da Mata e o seu chefe, já ha muito que havia frequentes desinteligencias, sobre assuntos de serviço.

O Manuel Correia que ha tempos pedira a sua transferencia da Central para ali, casou-se com a empregada D. Alice.

Era um homem sereno, bom, e reflectido, mas bastante macambuzio. Por vezes os seus companheiros de trabalho, notavam o seu alheiamento.

De ha um mês, porem, a esta parte o Manuel Mata começou a queixar-se que o seu chefe o perseguia. Que as observações choviam sobre qualquer caso de serviço e que as respostas que o sr. Artur Pires lhe dava, eram sempre muito secas. Os seus companheiros levavam aquilo á conta de feitio, e procuraram-no dissuadir das suas apreensões, porque conhecendo o feitio dos dois, viam que não havia motivos para que se zangassem.

Esta manhã, o Manuel Mata, entrou na repartição e, contra o seu costume, não estendeu a mão a ninguem. Secamente, limitou-se a dizer:

—Bom dia!

Fez uma venia ao chefe, sentou-se, e começou a escrever. Sua mulher, em frente, preocupada com o serviço, não reparou, na sua face sombria. Cinco minutos depois, o Manuel Mata levantou-se e foi passear para o corredor, fumando preocupadamente. Passado tempo voltou para a sua secretaria, mas bem depressa se tornou a levantar.

Ás 2 horas trabalhavam todos os empregados, quando o Manuel Mata, que estava a fazer um serviço extraordinario, precisou pedir uma indicação ao chefe. Este respondeu-lhe, como de costume, secamente.

Acto continuo, o Manuel Correia da Mata saca duma pistola e alveja com quatro tiros, no parietal esquerdo, o sr. Artur João Pires Ferreira, dizendo:

—Tinha que ser hoje!

A scena foi tão rapida, tão imprevista, que alguns empregados que se encontravam no fundo da sala julgaram que os tiros tinham sido dados na rua, não tendo nenhum chegado a intervir.

Imediatamente, acorreu o pessoal das outras repartições, que prendeu o assassino. O morto foi em seguida conduzido para o hospital de S. José e daí para a Morgue. A mulher do assassino, a sr.ª D. Alice Adelaide Russel, muito impressionada, retirou-se imediatamente. A esposa do assassinado, sr.ª D. Adelaide da Silva Bastos, que se encontrava, como dissemos, na mesma sala, foi logo levada para outra repartição, tendo-lhe sido ocultado que o marido morrera.

O assassino, que era 3.º oficial dos correios e telegrafos, foi preso, sem resistencia.

O CONFLITO ITALO-GREGO

MUSSOLINI declara

que não considera a reunião da comissão inter-aliada suficiente garantia para evacuar a ilha de Corfú

ROMA, 13. — O Conselho dos Embaixadores pediram a Mussolini para indicar uma data entre 18 e 25 para a Grecia dar satisfação pelo massacre de Janina, e determinar as condições para a evacuação de Corfú.

Mussolini declarou no Conselho de Ministros, ontem realisado, que não considera a reunião da Comissão de inquerito inter-aliada ao assassinio da missão Italiana suficiente garantia para a evacuação de Corfú, esperando a Italia a terminação do inquerito, pois a ocupação daquela ilha é o unico fator que tem influencia sobre os gregos para a prisão dos assassinos.

O primeiro ministro constatou tambem a benevola modificação na opinião publica mundial sobre a acção italiana contra a Grecia e que o dia 19 era o escolhido para a esquadra grega prestar homenagem á bandeira italiana e á divisão naval inter-aliada. — (E.)

A Grecia

prendeu os membros do Club Epirota?

ATENAS, 13. — Diz-se que o governo grego ordenou a detenção de todos os membros do Club Epirota e do coronel Botzaris, que considera responsaveis pelo massacre dos membros italianos da comissão de delimitação de fronteiras com a Albania. — (E.)

Lisboa vermelha

O atentado contra o chefe do governo

Ainda se encontram incomunicaveis em varias esquadras os sindicalistas Alvaro Damas, José Gomes, José Alves dos Santos e Manuel Soares, o «Manuelzinho do Intendente».

Os três primeiros são acusados de pretenderem atentar contra a vida do sr. Presidente do Ministerio e o ultimo de ter fornecido as armas que na ocasião de serem presos lhes foram apreendidas.

O Alves dos Santos, foi hoje largamente interrogado na P. S. E., devendo o restantes serem ouvidos durante a noite.

Vai ser posta em liberdade a mulher do José Gomes, Aurora de Jesus, que era acusada de estar a porta do Governo Civil, fazendo a apologia dos atentados.

O AUMENTO

das tarifas ferroviarias

Os srs. Vasconcelos Correia e Fausto de Figueiredo, do conselho de administração da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, conferenciaram, hoje, com o sr. ministro do Comercio, ácêrca do demasiado aumento das sobretaxas das empresas ferroviarias particulares. Tambem um representante da Companhia da Beira Alta conferenciou com o sr. dr. Vaz Guedes sôbre o mesmo assunto.

MARIO MONTEIRO
ADVOGADO
Encarrega-se de qualquer assunto e dispõe de agentes no Brasil
Consultas das 10 ás 12 e das 15 ás 17.
Telef. 5432 — Norte
R. Gremio Lusitano, 40, 1.º—(«Jornal da Europa»

EM HESPANHA

Sedição militar?

Telegramas de Paris dizem que se revoltaram

as guarnições de Madrid, Barcelona, Sevilha e Saragoça

Os boatos que ultimamente corriam sobre uma proxima alteração da ordem em Espanha, promovida por elementos militares, e com o fim de salvaguardar a honra e o prestigio do Exercito Espanhol, amcaçados pelos graves depoimentos que não deixariam de se produzir no julgamento, em conselho de guerra, dos oficiais indigitados como responsaveis nos desastres sofridos em Marrocos pelas armas espanholas, parece terem agora a sua mais estrondosa confirmação.

De Paris acabam de comunicar os seguintes telegramas:

PARIS, 13. — Segundo noticias recebidas de Barcelona, revoltaram-se as guarnições de Madrid, Saragoça e Sevilha.

A's sete horas da manhã em Barcelona a ordem era completa estando proclamado o estado de sitio e estabelecida a censura.

O movimento é um golpe de Estado puramente anti-governamental, e especialmente dirigido contra o marquês de Alhucemas e o ministro dos Negocios Estrangeiros, dizendo-se que este ultimo já foi preso em San Sebastian.

As autoridades militares vão constituir o novo governo. — (Especial).

PARIS, 13. — O governador de Barcelona, general Primo de Rivera, lançou uma proclamação acusando o governo de levar o pais á morte, anunciando que o partido militar decidiu assumir o poder e decretar o estado de sitio. A's quatro horas da manhã foi ocupada a central telefonica e telegrafica. Prevê-se a execução imediata de medidas já anunciadas.

Um telegrama de Barcelona acrescenta que o governo reuniu apressadamente.—(H.)

PARIS, 13. — As guarnições militares de Madrid, Barcelona e Sevilha tomaram conta, desde terça-feira á noite, dos governos das respectivas cidades. Parece confirmar-se a prisão do ministro dos estrangeiros. — (Especial).

Procurado na Legação o sr. ministro de Espanha, D. Alejandro Padillá, fomos informados que está ausente, em S. Sebastian.

Nenhum outro funcionario categorisado da Legação nos poude dar informações exactas, porque até essa hora ainda não tinham comunicação oficial de acontecimentos graves no seu Paiz. Diplomaticamente, porém, na Legação põem em duvida a veracidade dos telegramas acima transcritos, sobretudo por virem de Paris.

No consulado, até ás 16 horas, tambem não havia ainda comunicação alguma.

No entanto, o movimento déve ter-se declarado na noite de terça para quarta

O governo da presidencia de Garcia Prieto, Marquez de Alhucemas, tinha prometido solenemente, tomar ainda esta semana, energicas providencias sobre a questão de Marrocos, promovendo o imediato julgamento das altas individualidades militares responsaveis pelos varios revezes das armas espanholas.

E' mesmo provavel que a recente nomeação do irrequieto general Weyller tenha tido uma decisiva influencia nos acontecimentos anunciados pelos telegramas de Paris.

Este movimento militar, talvez aparentado com o fascismo italiano, representa uma reacção contra a politica dissolvente dos partidos, cuja acção não corresponde ás urgentes necessidades na hora presente da nação espanhola.

A guarnição de Madrid conta actualmente um efectivo de 40.000 homens; a guarnição de Sevilha 25.000 homens, e a de Barcelona, 60.000 homens.